

Projeto Navegar na reta final

A última fase do programa reserva uma viagem com mais de 1.200 km pelo Rio Uruguai em direção de Montevideu

ALESSANDRA PASINATO - JORNALISTA
JULIA POSSA - ESTAGIÁRIA
julia@diariodamanha.net

Por terra, o caminho é de 2800 km. Por água, mais de 1200 km. É essa a fase final do Projeto Navegar, programa que mescla educação com meio ambiente e que leva agora 15 pessoas para uma aventura até o Oceano Atlântico, seguindo pelo Rio Uruguai com destino a capital uruguaia, Montevideu. O projeto - que partiu ontem (7) e tem retorno previsto para o dia 17 deste mês - já percorreu mais de 200 km com viagens de ida e volta entre Passo Fundo e demais locais de preservação. A iniciativa envolve alunos e professores das escolas estaduais Cecy Leite Costa e Fagundes dos Reis, além de ecologistas e biólogos especializados.

Conforme o diretor do Grupo Ecológico Sentinela do Pampa, Paulo Fernando Cornélio, serão observadas durante o percurso o estado das matas ciliares e de lavou- ras, trazendo amostras de todas as áreas percorridas. "O papel do projeto é também técnico-científico", afirma. Um desafio e uma aventura: quem embarca nesta caravana volta acompanhado de novas experiências.

O descobrir

Animadas, as estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, Emanuele Rasche e Karen Cristini de Souza, relatam que, desde o início do projeto, os acontecimentos transformaram seu jeito de pensar. As duas fazem parte do grupo de seis alunos que embarcam na viagem. Com as malas prontas, elas contam que desde o começo o projeto chamou a atenção por colocar em prática toda a teoria aprendida em sala de aula. "Aprendemos mais. O que eu mais gostei foi todo o conteúdo aprendido, coisas que os professores explicaram, não só em relação a água, mas também no convívio com os outros. Agora com a viagem, espero que aprendamos ainda mais", conta Emanuele.



Equipe que faz parte da caravana

Fora da sala

Os professores concordam com a aluna. Dentre eles está Ângelo da Rosa Pires, que também vai acompanhar a viagem. Para o licenciado em Biologia, a oportunidade é importante por mesclar educação com meio ambiente. "Isso gera frutos que poderão ser colhidos no futuro. Tenho certeza que a gurizada vai ajudar na preservação do meio ambiente", relata animado. Sair da sala de aula, escapar da teoria e ter um aprendizado na prática são apenas alguns dos benefícios do programa. "Os alunos ficam mais interessados, mais participativos, entendem melhor, falam mais. É sensacional", elogia.

Segundo ele, estar em contato com o outro é sem-

pre importante na formação dos alunos. "Não só ver novos ambientes, mas preservar o convívio com os demais. É bom conhecer o aluno fora da sala de aula e estar em contato com os demais colegas do projeto", finaliza o professor.

Estimulada por este contato, Emanuele pretende seguir carreira na área. "Eu pensava em fazer Design Gráfico, mas agora mudei totalmente de ideia e vou para a Biologia", afirma. Enquanto isso, Karen está resolvendo e vai para a Medicina Veterinária. Mesmo que não seja o mesmo curso, as amigas pretendem seguir juntas com o projeto. "Você acaba tendo uma visão diferente de tudo", encerra a futura bióloga.



Os barcos

Os dois barcos que estão sendo utilizados no projeto são um capítulo a parte. Ambos foram desenvolvidos pela equipe com ajuda de engenharia náutica e contam apenas com materiais reutilizáveis. "As velas foram tiradas de guarda chuvas. Tudo que possuímos foi utilizado com material reciclável, inclusive muitos desses materiais terem sido tirados do próprio Rio Passo Fundo", destaca Cornélio.

Além disso, eles também contêm garrafas pet, madeira, taquara, madeira náutica e isopor. "Queremos mostrar com isso o que a população

anda colocando dentro do rio e, com alguns desses materiais, estamos fazendo um equipamento de navegação", pontua o diretor.

Ao todo, foram utilizadas 800 pets cheias de CO2 (gás carbônico). A equipe também conta com ajuda de pessoas qualificadas com cursos de raias e rádio amador, em função da comunicação e manutenções possíveis no decorrer da viagem. No mais, o apoio recebido de pais de alunos também foi fundamental. "Tivemos ajuda muito grande com o barco. Com todo o material, oito pessoas podem navegar tranquilamente", finaliza.



Leonel Lacerda

Jornalista e especialista em mercados de capitais
leonel.lacerda@hotmail.com

O que é melhor: CDB ou poupança?

Conseguiu economizar e sobrou um dinheirinho extra no final do ano? Então agora você deve estar pensando em gastar ou investir. Se preferir aplicar poderá ficar em dúvida, afinal são muitas as modalidades de investimento. Entre as mais conhecidas pelo pequeno investidor estão a Caderneta de Poupança e o Certificado de Depósito Bancário, também conhecido como CDB. Qual dos dois é o melhor? Em ambos há vantagens e desvantagens. Vamos começar pela poupança.

Na famosa Caderneta você pode investir baixos valores, sacar quando quiser o dinheiro e não pagar imposto de renda nem taxa de administração. Mas a remuneração é muito baixa e este ano deve ser pouco maior do que 6%, ou seja, rende muito pouco acima da inflação. Em outras palavras: seu ganho real vai ser muito baixo. A poupança é mais indicada para quem quer investir por um curto período de tempo (em torno de 12 meses) pequenas quantias. Detalhe importante: se você aplica na poupança, mesmo que o banco quebre, vai receber seu dinheiro de volta porque existe a garantia do Fundo Garantidor de Crédito. Essa associação sem fins lucrativos devolve até 250 mil por pessoa.

Quem tem sobrando algo em torno de cinco mil ou mais e não vai precisar desse valor no curto prazo (até dois anos) deve pensar em outras modalidades de investimento que dão um retorno um pouco maior que a Poupança. Uma das mais oferecidas no mercado é o CDB, que em 2013 esteve entre os investimentos com melhor rentabilidade. O Certificado de Depósito Bancário é um título emitido pelos bancos. Com o dinheiro captado na aplicação, os bancos fazem diversos tipos de financiamentos.

No CDB, ao final da aplicação você recebe o valor aplicado mais os juros. Via de regra, quanto maior o valor a ser aplicado, melhor o rendimento. Portanto, seja incisivo com o gerente de seu banco e tente negociar uma boa taxa para você. Caso contrário, procure outra instituição financeira para investir.

Os CDBs são divididos em dois grupos: pré e pós-fixados. No pré-fixado o investidor sabe no momento da compra do título quanto irá receber em juros. No pós-fixado a remuneração só será definida depois da data de vencimento do título. Existem também os que têm taxas flutuantes. Nesse caso estão vinculados a um percentual de variação de um índice, normalmente o Certificado de Depósito Interbancário (CDI).

Ao contrário do que ocorre na Poupança, no CDB há incidência do Imposto de Renda. Quanto mais tempo você deixar o dinheiro aplicado menos imposto vai pagar. Não há taxa de administração e se a quantia ficar aplicada por menos de 30 dias, será cobrado o Imposto sobre Operação Financeira (IOF). De acordo com economistas, as variações que ocorrem com o CDB estão relacionadas à Selic, a taxa básica de juros. Se a taxa estiver baixa, o rendimento também vai ser menor.

O risco de aplicar em um CDB é baixo, pois está associado à solidez do banco. O investidor só perde a aplicação caso a instituição vá à falência. Porém, o Fundo Garantidor de Crédito garante a devolução de até 250 mil reais se a instituição financeira for associada a esse Fundo.

E lembre-se: é saudável tirar todas as dúvidas e pedir para seu gerente de banco (ou o profissional que está lhe dando informações sobre investimentos) fazer todos os cálculos para você. Dessa forma terá mais condições de tomar uma decisão de qualidade, que não prejudique seu bolso.